

DAS MARGENS: OS LIMITES E EXCEDENTES DAS PÁGINAS FÍSICAS ÀS TELAS DOS SMARTPHONES¹²

FROM THE MARGINS: THE LIMITS AND EXCESSES FROM PHYSICAL PAGES TO SMARTPHONE SCREENS

Sérgio Bairon³
Éder Cabral⁴
Denise Sant`Anna⁵

Data de recebimento do texto: 09/07/2024

Data de aceite: 05/08/2024

Resumo: O texto aborda a complexa relação entre as margens físicas e digitais, explorando como esses espaços delimitados influenciam a compreensão, expressão e experiência cultural ao longo do tempo. Assim, destaca a importância das margens nos contextos educacional e cultural, evidenciando como obras de arte (especialmente a poesia e as narrativas literárias) desafiam fronteiras e interpretações fixas. Além disso, discute a evolução da leitura e imersão nas páginas físicas *versus* as telas digitais, refletindo sobre a transformação da experiência de leitura, a valorização do texto impresso, a marginalização de vozes em perspectivas diversas. A questão da verdade, bem como a fluidez da interpretação e a liberdade de significados são temas centrais abordados no texto. A análise da evolução desses espaços delimitados revela não apenas a transformação da experiência cultural e da leitura, mas também a maneira como as margens influenciam a nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

Palavras-chave: Cultura. Margens. Leitura e escrita. Poesia. Digital.

Abstract: The text addresses the complex relationship between physical and digital margins, exploring how these delimited spaces influence understanding, expression, and cultural experience over time. Furthermore, it highlights the importance of margins in the "transmission" of knowledge, showcasing how works of art (especially poetry and literary narratives) challenge boundaries and fixed interpretations. Additionally, it discusses the evolution of reading and immersion in physical pages versus digital screens, reflecting on the transformation of the reading experience, the valorization of printed text, and the marginalization of voices from diverse perspectives. The question of truth, as well as the fluidity of interpretation and freedom of meanings, are central themes addressed in the text.

Keywords: Culture. Margins. Reading and writing. Poetry. Digital.

¹ Neste artigo, não estamos somente ocupando um lugar comum ao nosso trabalho como professores, pesquisadores, críticos culturais, teóricos, mas também como educadores e cidadãos que testemunham um comportamento social e assim conduzimos o leitor a uma jornada, sem dar caminhos certos a seguir, porém fazendo uma trajetória dupla: i) de produzir e registrar reflexões e ii) de convidar o leitor a refletir e levantar mais perguntas sobre o conteúdo deste texto.

² Parte dessas ideias foi publicada na Revista ANTARES – vol. 7, nº 14, (jul./dez), 2015. No entanto, o texto foi expandido, revisado e buscou atualização, diante dos problemas ultracontemporâneos.

³ Livre docente pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Doutorado pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado pela PUCSP e pela Freie Universität Berlin. E-mail: sbairon@gmail.com

⁴ Doutor em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade FEEVALE, com período sanduíche na Universidade de Bolonha – UNIBO. Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – (UNISINOS). E-mail: edercabral@feevale.br

⁵ Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale; Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora adjunta da Universidade Feevale. E-mail: denise@feevale.br

A entrada na margem – à guisa de introdução

A evolução das margens, tanto no contexto físico das páginas impressas quanto no ambiente digital, reflete não apenas transformações estéticas, como também mudanças profundas na forma como interagimos com a informação, a cultura e o conhecimento. Ao longo da história, as margens têm desempenhado um papel fundamental na organização e interpretação de palavras e imagens, servindo como espaços delimitados que convidam à reflexão, à anotação e à exploração criativa. Neste artigo, exploramos a complexidade e a relevância das margens em diferentes meios e contextos, analisando como esses espaços limítrofes influenciam nossa experiência estética, cognitiva e social. Desde as primeiras inscrições em pedra até as interfaces digitais dos dispositivos eletrônicos, as margens nos convidam a refletir sobre os limites e as possibilidades da leitura, da interpretação e da expressão no mundo contemporâneo. Ao mergulharmos nas margens, adentramos em um universo de significados, conexões e virtualidades que transcendem as fronteiras físicas e digitais, convidando-nos a repensar a relação entre o espaço, o texto e a experiência humana.

No princípio não havia margem. Ainda na pré-história, fantasmas pictóricos sobre as rochas se tornaram comuns desde dezenas de milhares de anos (Hooker, 1996). À medida que o homem foi sentindo necessidade de conservar próximo de si seus registros e desenhos, a margem foi surgindo e, em muitos casos e lugares, junto da escrita.

Desde os primórdios da escrita, depois de dezenas de milhares de anos com o exercício do registro, a margem surgiu⁶. A partir daí, passou a ser condição *sine qua non* para qualquer expressividade cultural. Registros e textos gravados em pedra, vasos, pequenas tábuas de argila, recipientes de bronze, ossadas, tiras de madeira, bambu, couro, gesso, ouro, chumbo, pano, prata, cera, papiro, etc., eram utilizados pelos sumérios, egípcios, chineses, etruscos, gregos e outros povos, com os mais variados objetivos (Hooker, 1996).

As pictografias, os logogramas, as silabogramas, os determinantes, a escrita cuneiforme, os numerais, os hieróglifos e as letras, sempre precisaram de um elemento “coisico” para existirem. Os cálamos, a tinta e o pincel, por exemplo, foram instrumentos

⁶ A verdadeira ruptura com o modo de ser tradicional dos meios de comunicação ocorrerá quando alcançarmos o rompimento com as margens da tela. A realidade virtual e a holografia já ensaiam tal ruptura.

importantíssimos para que as variações da escrita se materializassem, ainda que de forma diversa, no interior da margem (Leicknam; Ziegler, 1982).

Ao longo de milhares de anos, a margem foi sendo padronizada, até se transformar, definitivamente, nos ângulos retos de uma folha de papel. Esse processo pode ser visto como uma necessidade de padronizar determinadas formas de expressividade do pensar ao longo dos séculos, especialmente depois de Gutemberg (Olson, 1997).

Durante a maior parte de todo esse tempo, a margem foi considerada um lugar sagrado. Sua construção raramente podia ser rasurada, corrompida; sendo modificada, qualquer alteração do seu conteúdo deveria promover retificações para que pudesse ser definitiva. Porém, muitas vezes ela pôde ser apagada. Um escriba, por exemplo, no período Ur III (Walker, 1996), tinha como apagar seus registros feitos em tabletes de argila, molhando o barro, para que ali fizesse um novo registro. Mais recentemente, tornou-se possível molhar o papiro, ou passar a borracha ou, ainda, usar o *liquid-paper* ou a fita corretiva. Não obstante, tanto na Antiguidade quanto em nossos dias, o princípio de finalização ou da versão definitiva de um conteúdo, sempre trouxe consigo o desenvolvimento de técnicas apropriadas. Aquele escriba sumeriano detinha, pelo menos, dois tipos de placas de argila as quais poderiam usar segundo suas intenções. Se desejasse registrar algo que seria circunstancial, momentâneo, poderia usar de argila crua, para que fosse possível desmanchar com água o que havia escrito. Caso desejasse manter o registro definitivamente, a tábula de argila era colocada num forno, pois o cozimento a conservaria. Haja vista, que em vários casos, apesar de ataques ou incêndios, foram preservados muitos objetos deste material até os dias de hoje. Ademais, o copista medieval, praticamente, restringiu seu ato criativo à cópia de textos clássicos.

Depois da prensa de Gutenberg, fomos paulatinamente nos afastando das perspectivas medievais até chegarmos ao momento do predomínio dos paradigmas computadorizados direcionados à impressão nos dias de hoje (Menser; Aronowitz, 1988). Ou seja, sobretudo após a invenção da imprensa, letra, imagem e margem desenvolveram o exercício da consecutividade como condição ontológica da compreensão⁷. Mais que isto, os limites

⁷ Uma das grandes mudanças que o mundo digital trará, que precisa ser aprofundada, é a valorização da dispersão, sempre condenada pelas estruturas midiáticas lineares.

internos da margem em sua dimensão geométrica impuseram restrições para sobrevoos imaginários e dispersivos⁸.

Sobre os limites e encapsulamento do sentido: margem e poesia

Por outro lado, obras de arte literárias, plásticas e outras mais, deram razão de sobra para que uma infinidade de pensadores concluísse que a forma de ser da compreensão nunca poderá estar representada em totalidade, qualquer que seja o meio utilizado. Leitores fantásticos e apaixonados, sempre nos mostraram que a letra, o texto e a imagem nunca foram princípio, meio e fim de si próprios. Cansamos de acompanhar a condenação de textos, autores ou imagens, num determinado período da História e que num outro momento ou em outro lugar, encontram plena aceitação (Besançon, 1994). Qualquer margem que nos sintetize um mundo para melhor compreendê-lo infinitamente esconde mais do que mostra.

Em contrapartida, isso significou a desvalorização da oralidade, como formalização do pensamento em prol da letra impressa e, por outro lado, possibilitou a aquisição da educação e a da arte para muitos que, na verdade, nunca deixaram de ser a minoria. “A poesia do mundo”, melhor que qualquer outra manifestação, por várias vezes, contou-nos essa história. Vale ressaltar que a escrita e a educação também se manifestaram por meio de uma perversão, sobretudo com alguns escritores e leitores que sempre procuraram desenvolver o estilo da apropriação totalizante do sentido; estes, olharam à margem como se esta fosse o seu feudo, uma extensão viva de seu corpo autoritário.

Aqui, podemos nos remeter a Hans Blumenberg (1995, p. 20, tradução nossa); “Ulisses encontra uma acolhida amistosa apenas porque os feácios vivem à margem do mundo e não conhecem a hostilidade – em relação aos estrangeiros (pois, como estão tão longe do mundo, não conhecem estrangeiros!)”. Porém, estes, que não são os feácios e fazem do outro um estrangeiro, escrevem e leem até hoje sobre um lugar imaginário, ao qual ainda têm a petulância de chamar de verdade. Há um certo paralelismo metafórico entre os defensores da ideia de verdade na margem e da verdade no corpo. Neste ponto, trazemos, para ilustrar nossa reflexão, uma epigrama de Johann Joachim Ewald (1755, tradução nossa), a qual é o primeiro

⁸ O princípio da reticularidade é proporcional à condição de estar-no-mundo. A questão central aqui é como a aleatoriedade dos acontecimentos colabora à construção da compreensão de algo.

reflexo alemão da configuração naufrágio-espectador intitulado “Der Sturm⁹” (“A tempestade”):

De pronto se hace de noche, fuertes soplan los vientos
y el cielo, el mar y el suelo parecen revueltos.
A las estrellas va la nave, y vuelve a descender
desaparece entre las olas, sólo ve tumbas nacer.
Aquí trueno, allí relámpago, el éter rodo se enfurece,
olas sobre olas, nube sobre nube crece,
La nave a pique va, y a mi ... nada me ha pasado:
la tormenta desde la orilla he presenciado¹⁰.

Podemos relacionar a ideia do poema breve e conciso de Ewald, com os pontos apresentados sobre a escrita e a educação; pois, o Eu poético permanece “esteticamente”, por assim dizer, “imperturbado” com o naufrágio, testemunhando-o da margem. Portanto, em analogia, há uma sugestão de distanciamento e desapego de muitos autores em relação a outros que não pertencem ao seu círculo. Comparamos isso à maneira como alguns escritores e leitores (“especializados ou iniciados”) buscam uma apropriação totalizante do sentido, olhando para outros como seu feudo pessoal, enquanto permanecem distantes e descomprometidos com as experiências daqueles que estão envolvidos em outras atividades ou que consideram outros como subalternos (*sub alter*) ou menores. O distanciamento do Eu poético e a privação da experiência faz alusão a desconexão e a artificialidade na busca pela verdade, superioridade, controle e autoridade (não no sentido daquele que faz crescer o outro – pelo contrário, que o subordina).

Estes acreditam que por se localizarem no interior da margem milenar, podem reivindicar o direito de apropriação da totalidade do sentido das coisas. Se virem os limites da margem que ocupam desmanchando, esfacelando, apavoram-se, gritam, esperneiam e, quando no poder, ditam. Porém não nos culpemos, pois parece ser inevitável, que, por muitas vezes, a soma dos processos de compreensão com a diversidade das margens, parece resultar no congelamento de uma ideia de verdade.

⁹ O poema é reproduzido na coleção intitulada *Deutsche Epigramme*, de G. Neumann (Stuttgart, 1969).

¹⁰ De repente escurece, os ventos sopram forte, / o céu e o mar abissais, revelam a própria sorte. / o navio é jogado as estrelas e volta a afundar, /some na arrebenção, só se vê morte no ar. / Aqui troveja, lá relampeja, o éter a se desmanchar, / as ondas e as nuvens parecem se entrelaçar. / O navio é destruído, mas comigo... Tudo bem, / pois vi toda a tempestade na segurança da margem (tradução de Éder Cabral).

No caso da soma da letra com a margem, no campo acadêmico, ainda temos uma tendência altamente favorável à unicidade do discurso. Por vezes, o discurso da competência acadêmica se apresenta determinante, contrário à citação, à nota ou, até mesmo, à bibliografia. Espaços minúsculos são reservados ao outro. A soma da noção individualizada de autoria, de domínio da letra, de feudalização da margem se encontra com a quase inquestionável presença da tinta no papel, uma vez que é difundida a ideia que não há outra alternativa para a partilha de conhecimento¹¹.

É importante destacar que foram e quem são estes! Para isso, trazemos em essência o pensamento de Angel Rama, em *Cidades das Letras*, no qual o crítico argentino aborda a complexa relação entre a cultura letrada e a organização das cidades (pelo menos na América Latina). Rama apresenta nesse texto a tese que a “cidade das letras” é uma cidade imaginada, construída não apenas com tijolos, aço, vidro, concreto e piche, mas também com palavras, textos e discursos. Dessa maneira, evidencia a exploração dos grupos dominantes letrados e como influenciaram a formação das cidades (e das nações), estabelecendo uma hegemonia cultural por meio da escrita e da educação formal. Além disso, essa cidade letrada desempenhou um papel crucial na criação de uma “identidade nacional” e na consolidação do poder político, junto as instituições, universidades e academias de letras, as quais foram instrumentos essenciais para difundir a cultura letrada (isolada, mas impositiva) e emoldurar a sociedade. Nesse texto, há a crítica a exclusividade e “elitismo” dessa cultura, que desde sempre marginalizou as vozes populares e orais.

E com isso testemunhamos como as políticas de urbanização e alfabetização foram usadas para impor uma ordem social e cultural desigual, promovendo uma visão de “progresso” e “civilização”, mas ignorou as realidades e necessidades das populações locais. Portanto, todo esse movimento é visto, por nós, tanto como uma fonte de poder e modernização quanto como um mecanismo de controle social. Assim, pensamos: onde há espaço e território, portanto, a outras vozes (?).

¹¹ Ver mais em *Produção Partilhada do Conhecimento: do filme à hipermídia*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Fortaleza, 2012.

Até mesmo a metodologia científica que, por humildade, ainda preserva lugares ao outro no interior do texto, é obrigada a incorporar a competência da unicidade da voz; isto, ou porque se presume que a maturidade conceitual não cita, mas fala por si própria, ou porque o editor alega que notas e bibliografias não servem para nada além do encarecimento da obra. Desse modo, tal sujeito é o mesmo editor que solicita que se tirem as imagens ou que se reduza o texto. No Brasil, ficou muito conhecido o caso de um editor que publicou parte da obra do padre Vieira e mandou o tradutor cortar as repetições. Esqueceu que a repetição expressava o barroco e que, sem ela, perdia-se muito da ligação da obra com seu mundo¹². Mas ainda podemos voltar para a margem.

As desavenças pelo espaço da margem, em parte, são uma consequência dos limites ontológicos existentes nela. A margem enquanto folha de papel já apresenta a próxima folha como condição *sine qua non* de sua existência. Cada folha segue a próxima e, assim, até a contracapa. Capa e contracapa são os limites dos limites da letra na margem. Não é a obra que é aberta, senão, sem dúvida, uma obra pode ou não nos lembrar que toda compreensão é aberta, que todos os signos estão em rotação e que, se isto não acontecer, o prazer do texto se transforma em solipsismo (Hansen, 2004).

Se pararmos para pensar; o que é notório, cada vez que alguém lê um livro ou observa uma obra de arte, a interpretação é única? Cada pessoa traz consigo uma bagagem única de experiências e perspectivas que moldam a forma como enxerga o mundo ao seu redor. Se “toda compreensão é aberta”, não existe uma única interpretação correta de uma obra, mas sim uma variedade de maneiras de entendê-la. É como se todos os símbolos e significados estivessem constantemente em movimento, mudando e se transformando de acordo com o contexto e a experiência de cada um. Assim, o que pode significar uma imagem ou uma frase para uma pessoa pode ter um significado completamente diferente para outra, dependendo de suas vivências e referências culturais – muitas vezes é necessário “revelar a obviedade do óbvio) (Ribeiro, 1979. p. 11) ou “pedir que a evidência se justifique” (Benveniste, 1995, p. 284).

Imaginemos se perdêssemos essa liberdade de interpretação, se ficassem presos a uma única maneira de ver as coisas. Seria como se o prazer de mergulhar em uma obra de arte se

¹² Problemas idênticos têm ocorrido no Brasil com algumas publicações sobre C. Colombo, Cortês e Las Casas.

transformasse em algo solitário e limitado. Seria como se fechássemos em nossas próprias bolhas, sem espaço para explorar as infinitas possibilidades de entendimento que uma obra pode oferecer.

Mas, seguimos adiante, a margem não necessariamente nos impõe uma fissura temporal, pois seus limites no papel podem se adaptar a qualquer noção de temporalidade. O que não é possível é imergirmos literalmente, em seu mundo, quando no interior de suas linhas limítrofes. Pensemos em partes do parágrafo anterior e em suas palavras-chave. Não há como explorar as concepções de “espaço” de um Paul Virilio, as noções heideggerianas de “ontologia”, a “obra aberta” de Umberto Eco, a compreensão para hermenêutica de Gadamer, a “rotatividade sígnica” de Octávio Paz, o “prazer do texto” de Roland Barthes ou, ainda, a análise do “solipsismo” de um K. O. Apel, cujo *link* a partir desta página seria importante. Nossa única chance seria, a partir de agora, ~~me~~ dedicar-nos a essas relações. Todavia, se desejássemos oferecer partes inteiras às vozes dos autores citados, isso jamais seria possível. Quando a letra é produzida à margem de papel, nossa possibilidade de construir a trajetória de leitura sofre limitações que nos forçam a uma adaptação. Não podemos imergir, de fato, em sua estrutura, pois os sobrevoos possíveis sempre dependem do nosso repertório. Umberto Eco (1993, p. 127) aponta que “[...] no romance contemporâneo, tão entretido de ‘não dito’ e espaços vazios, a previsão do leitor confia em passeios justamente bem mais aventureiros”. O leitor pode ser impelido a fazer passeios inferenciais significativos, pois

Não obstante, esses passeios nos habilitaram a entender os mecanismos pelos quais a ficção é capaz de moldar a vida. Às vezes, os resultados podem ser inocentes e prazerosos, como quando se faz uma peregrinação à Baker Street; porém, às vezes a vida pode se transformar num pesadelo, e não num sonho. Refletir sobre essas complexas relações entre leitor e história, ficção e vida, pode constituir uma forma de terapia contra o sono da razão que gera monstros (Eco, 1994, p. 145).

Ainda com Eco, realçamos que o leitor (com o seu repertório) pode cooperar com a obra lida; uma vez que os textos sugerem uma afinidade semântica, isto é, a conexão de significado entre elementos do texto, a qual não é apresentada muitas vezes de maneira direta ou explícita no território textual. Em vez disso, essa afinidade é postulada como resultado de operações inferenciais que o leitor deve realizar. A inferência textual se refere ao processo pelo qual o leitor deduz significados implícitos com base nas pistas fornecidas pelo texto. A

competência intertextual, por sua vez, é a habilidade do leitor de relacionar o texto atual com outros textos, reconhecendo referências, alusões e contextos literários ou culturais que enriquecem a compreensão da obra.

[...] essa afinidade semântica não está presente no texto como parte explícita de sua manifestação linguística: é, antes, postulada como o resultado de operações complexas de inferência textual baseadas em competência intertextual. E se esse é o tipo de associação semântica que o poeta queria estimular, prever e solicitar, essa cooperação por parte do leitor fazia parte da estratégia generativa implementada pelo autor (Eco, 2011, s/p, – tradução nossa).

Portanto, a margem milenar quase sempre escondeu as relações conjunturais para as quais ela contribui e que nela se expressam¹³.

Seguimos adiante. No Ocidente, nosso movimento no espaço da folha é sempre da esquerda para direita e de cima para baixo; no Oriente, se inverte. Como um músculo atrofiado, a compreensão está viciada nessa linearidade e frequentemente se mantém alerta à conclusão e ao seu desenlace. O vício da linearidade é o que sustentou durante séculos um acúmulo de premissas que se desembocaram numa concepção de “emissor” enquanto sujeito. Atrás da margem milenar, o “emissor” se esconde e se projeta ao bel-prazer. Trata de outros contextos e autores como quem pudesse reter para si o monopólio do que conhece.

Apesar de riscos imensuráveis estamos afirmando que a expressão milenar e retilínea da margem e seu conseqüente congelamento no modelo moderno de código, como metodologia científica, incentivaram, até os dias de hoje, um enorme preconceito frente ao estar no mundo dispersivo e fragmentado da compreensão⁸.

Para fazermos um interlúdio ilustrativo, pensemos no poema “O Corvo” (*The Raven*), de Edgar Allan Poe. Apesar de não abordar diretamente a questão da margem ou da dispersão, o poema aborda a natureza do conhecimento e da compreensão, sobretudo no contexto do desconhecido e do sobrenatural. O corvo, que é um símbolo recorrente na obra de Poe, pode ser entendido como uma metáfora da incompreensão e da incerteza, representando o desconhecido que desafia a compreensão humana. O poema, por sua estrutura repetitiva e

¹³ A literatura tem possibilitado a imersão imaginária; no entanto, na margem digital, o processo de imersão pode ocorrer pela repetição da linguagem do cotidiano, inclusive, com a possibilidade da criação de espaços tridimensionais como o *Second Life*, *Metaverso*, etc.

melancólica, pode causar a impressão de que estamos diante de um conhecimento disperso e fragmentado, que desafia a compreensão linear e ordenada do mundo.

Desse modo, não podemos esquecer que toda margem representativa de um emissor pressupõe um receptor para quem se dirige. A divisão da comunicação em polos de emissão e recepção praticamente anula a ontologia da interatividade, induzindo à passividade todo telespectador ou leitor contemporâneo. Como receptores, pois nem sempre somos interlocutores, somos levados a acreditar que a letra, a palavra, a frase, os parágrafos, os capítulos, enfim, estão congelados de forma perfeita e, se colocados numa outra posição, afastam-se e têm seus sentidos inacessíveis. Se nos restringíssemos rigorosamente à expressão da letra na margem do mundo no papel, sequer poderíamos ter o direito de extrair qualquer concepção de seu contexto e desfocá-la para outro texto. Felizmente, tal obstáculo já atravessamos.

Das margens e da leitura

No entanto, equívoco tão profundo ou maior que esse, tem sido cometido por aqueles que acreditam que a pura inclusão da interatividade digital no interior das múltiplas formas de leitura, basta para alcançarmos o “nirvana” da efemeridade pós-moderna que a tudo condena e de tudo retira historicidade. Há muitos trabalhos de pesquisa contemporânea em arte e tecnologia que se enquadram na categoria histórica da efemeridade e do diálogo interativo, em detrimento da formação¹⁴.

O exercício da leitura sempre deve nos lembrar que esta só é possível porque há um repertório sígnico que assim o permite e que, muito desse repertório, não temos como torná-lo consciente.

Toda leitura é interpretável porque já é a própria interpretação, a qual é inevitável no ato da leitura. A historicidade proporcionada pelo exercício da leitura não é dada pelo próprio texto, mas depende das relações com os mais variados mundos, que proporcionam a existência do algo a ser construído. Em qualquer processo de leitura, o ser não pode estar como um simples emissor, na forma de receptáculo dos fonemas, até alcançar a compreensão; “[...] *Que*

¹⁴ Em grandes traços a questão da efemeridade é comumente vista como um valor em si, sobretudo, em trabalhos de Arte e Tecnologia.

alguém diga algo a outro, não ocorre somente porque existe algo chamado receptor que receba a informação [...]” (Gadamer, 1997, p. 112 – grifo nosso). É exatamente o reconhecimento de pertencer a um contexto histórico que nos torna, concomitantemente, suscetíveis à compreensão e abertos ao mundo. Entretanto, reconhecimento, não significa, neste contexto, conhecimento. Ler não é apenas decodificar.

Todo contato solipsista com a letra na margem pretende ser reprodução de um sentido original na ciência, na arte ou na religião. Nessa perspectiva, vê-se a letra como congelamento e materialização da compreensão e a margem como os limites no interior dos quais essa deve caminhar. No interior dessa tradição, geralmente esquecemos que, cada palavra ressoa o conjunto de um universo que sequer chegamos perto de reproduzir. Muitas vezes, esquecemos que muito distante da crença na existência de um “sentido em si”, que só pode ser alcançado por uma genialidade, a compreensão se dá no conjunto da experiência. Isso quer dizer que o sentido do que é falado ou escrito ocorre por meio da existência de algo comum que emerge do diálogo – ou da intersubjetividade, segundo Benveniste (1995) ou do dialogismo, segundo Bahktin (2005, 1986); assim, há uma espécie de “outronomia” ao invés de uma subjetividade isolada (a qual não existe) ou uma autonomia autogerada e artificial. Assim como o mais importante das letras não está na formação de fonemas, mas de palavras, essas não são expressões objetivas do mundo, mas gestos de sentido que remetem, sempre, para muito além das próprias palavras; “[...] *multivocidade da palavra poética tem sua autêntica dignidade no que corresponde plenamente à multivocidade do ser humano [...]”* (Gadamer, 1997, p. 112 – grifo nosso).

Quando estamos presos nos limites metodológicos da letra congelada da margem no papel, há uma ontologia que inibe a pergunta, ou pelo menos não lhe dá ouvidos. Talvez, algumas estrofes do poema de João Cabral de Melo Neto (1947), em “Fábula de Anfión”, possa ilustrar o que estamos enunciando, mesmo correndo o risco de digressão:

Uma flauta: como
dominá-la, cavalo
solto e louco?

Uma flauta: como prever
suas modulações
cavalo solto e louco?

Como traçar suas ondas

antecipadamente, como faz
no tempo, o mar?

A flauta, eu a joguei
Aos peixes surdomudos
do mar.

As três primeiras estrofes apresentadas, ao nosso ver, cria em imagem a dificuldade de prever ou compreender certas complexidades da vida, seja as modulações de uma flauta, seja a soltura desenfreada de um cavalo, seja as ondas do mar. Assim, sugerem que, quando estamos presos nos limites metodológicos da racionalidade e da lógica convencionais, nossa compreensão do mundo é limitada e estática, o que nos impede de verdadeiramente perceber a profundidade e a fluidez dos fenômenos ao nosso redor. Quando nos prendemos a uma perspectiva inflexível e restrita da realidade, somos impedidos de fazer perguntas significativas ou de abrir nossas mentes para novas possibilidades.

O que se refere à nossa compreensão fundamental da existência e da realidade pode ser restrita por nossas próprias limitações conceituais e imagéticas. É importante que nos libertemos das restrições autoimpostas e que nos abramos para a complexidade e a imprevisibilidade da vida, ou das letras, das palavras, das margens. A verdadeira compreensão vem da capacidade de questionar e explorar para além das fronteiras do conhecimento estabelecido, abraçando a incerteza e a fluidez do mundo. Já na quarta e última estrofe do poema recortado, o Eu lírico descreve o ato de jogar uma flauta para os peixes no mar. A flauta, instrumento musical associado à expressão humana por meio da música, é lançada em um ambiente que parece ser inadequado: o mar, habitado pelos peixes, os quais são descritos como “surdomudos”, incapazes de ouvir ou compreender a melodia da flauta como os humanos. Mas por que tal gesto? Importa que resulta em uma imagem que pode ser interpretada de diversas maneiras. Como aponta o Ítalo Calvino;

Se incluí a Visibilidade em minha lista de valores a preservar foi para advertir que estamos correndo o perigo de perder a faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de pensar por imagens (Calvino, 1988, p. 107-108).

De um lado, a última estrofe pode expressar a frustração diante da incompreensão ou da indiferença do mundo. Por outro lado, pode simbolizar uma ação de libertação, aceitando a

falta de reconhecimento e afirmando a expressão criativa subjetiva. A cenografia dos versos de Melo Neto, em suma, desafia as expectativas e instiga a reflexão sobre o valor da compreensão humana, o que a poesia, há tempos, faz por meio do lúdico – mesmo em ambientes inadequados.

Às margens das palavras e das imagens: do papel a tela digital

Não faz muito tempo que publicações científicas começaram a oferecer índices analíticos, onomásticos e remissivos (Manguel, 1997). O intuito é de organizar a letra no papel para responder perguntas simples, tais como: será que esse autor fala sobre Aristóteles, sobre comunicação ou sobre quê? Nesse exercício, já se revela a condição básica da forma de ser da conversação, do diálogo: perguntar e responder no decorrer de uma interatividade é um respeito à heterogeneidade do leitor¹⁵. Não há como tratar do tema da interatividade, sem retomar um princípio básico do jogar: os desafios e as associações, os passeios inferenciais, etc. Quando no papel, congelada pela metodologia, a letra está parada, não reage às nossas perguntas, não se movimenta. Sua possibilidade de movimentação está localizada na estrutura indiciária que a publicação oferece: Wittgenstein, L. - 03, 23, 45, 72-9, 111, 134 e 150. Nesse caso, o nome próprio está rompendo o espaço linear e, com os olhos, podemos recorrer diretamente às páginas que oferecem informações sobre este autor. O jogo aqui está em identificar a página, ler a conjuntura e voltar aos parágrafos anteriores ou seguir para os seguintes. Na simplicidade indicativa, durante alguns minutos, a letra da margem no papel vence a linearidade e incorpora a interatividade do diálogo, como sendo de seu mundo¹⁶.

Muitas vezes a prisão da letra na margem está contrária a outras mídias. A imagem continua lutando para ter uma posição de destaque em meio ao predomínio da letra. O livro do historiador das mentalidades, Alain Besançon (1994), *L'image Interdite*, apresenta diacronicamente o desenvolvimento de uma lógica “espiritual” profundamente contrária aos possíveis poderes de comunicação da imagem comparada à palavra. A conclusão de Besançon é que a imagem não alcançou, mesmo no mundo contemporâneo, um estatuto que lhe coloque

¹⁵ A compreensão também ocorre por meio do índice onomástico.

¹⁶ Nesses momentos de busca se presentifica um ensaio de jogo interativo. A opção será, sempre, entender o conceito de interatividade como jogo.

em igualdade com a palavra. Podemos também pensar no texto *Wort und Bild*, de Hans Georg Gadamer (1993). Para Gadamer, enquanto a imagem sobreviveu com uma grandeza profundamente democrática ao longo dos séculos, o mesmo não ocorreu com a escrita, que, muitas vezes, em detrimento da imagem se revelou uma forma de expressão profundamente ditatorial. A ditadura da crença no emissor (não do interlocutor), pelo poder de delimitar o caminho sequencial da compreensão, oferece profunda restrição à dispersão de seu candidato a receptor (interlocutor); sim, o receptor/interlocutor é sempre um candidato à compreensão, pois precisa provar que seu entendimento do texto é *ipsis literis*.

Também é inegável que, no interior da metodologia científica, os espaços entre as margens no papel, além de não terem dado chance às imagens em movimento (com algumas exceções, como os *story board* animados no movimento de folhear ou as histórias em quadrinhos), ainda limitaram todo o universo de compreensão que pretendesse se apresentar, prioritariamente, pela imagem. Mesmo assim, temos inúmeros exemplos de fissuras nessa tradição¹⁷. Roland Barthes, em *A câmera clara*, deixa-se levar pela impressão que a imagem fotográfica lhe causa: “*uma agitação interior, uma festa, um trabalho também, a pressão do indizível que se quer dizer*” (Barthes, 1984, p. 23 – grifo nosso). A forma usada Barthes quando joga com a imagem fotográfica nos faz transcender os limites da margem no papel e, literalmente, entrar na imagem. O autor chama esse navegar, a partir da imagem, de *studium*, que define como aplicação a uma coisa ou como participação cultural aos cenários (Barthes, 1984) – contrato feito entre os criadores e os consumidores no cotidiano. A imagem nessa obra não rompe com a letra, ao contrário, mescla-se ao texto, como se a esse conjunto aplicássemos o efeito *morph*¹⁸.

Das imagens analisadas por Barthes, emerge a dualidade entre religiosidade e militarismo, a lamentação da mãe pela morte de um filho, o vestuário cotidiano, a máscara como expressão de um sentido explicitamente puro, a estética nazista, o onírico da habitação, a questão racial expressa pelo *punctum* em sapatos com presilhas, a saúde popular, o rural do Leste Europeu oriental, o desprezo a toda a cultura numa gola Danton, a pose, etc. O texto de

¹⁷ Uma das exceções mais significativas encontramos em alguns historiadores da História Nova, como Peter Burke, Jacques Le Goff ou Michel De Certeau.

¹⁸ Uma espécie de efeito *Morph* (fundir imagens diversas numa só) entre palavra e imagem.

Barthes nos faz entender um pouco mais as implicações da imagem com a letra e a consequente vantagem de se conseguir criar uma relação entre ambas.

Outra obra interessante nesse sentido é *Bilder* (Imagens) de Ingmar Bergman. Com mais de 200 imagens Bergman reconstrói a historicidade de algumas de suas montagens, desde seu cotidiano biográfico até o “caos” dos bastidores congelando a cena, a fotografia faz o instante se perpetuar como consequência das lembranças biográficas de Bergman. Lugares, vozes, diálogos, relações, temporalidades, máscaras, rostos, por exemplo, escrevem sua presença tanto ou mais que os próprios textos. A cumplicidade entre ambos nos oferece a plena possibilidade de entender que toda compreensão só é possível pela unidade entre imaginário e simbólico. Assim, esse livro de Bergman representa muito bem a lapidação entre imagem e palavra que alguns conquistaram durante o século XX, pois anula em grande parte o fundo de resistências e defesas entre palavra e imagem que ainda observamos nos dias de hoje (Bergman, 1996). A imagem recorta a palavra em insularidades científicas e, sobre um *background* de resistência, constrói simbolizações que se engrandecem por um modo de ser da compreensão que, por muitas vezes, é considerado resto de interpretação, sucata do entendimento, fundamentalmente porque, para Bergman, não devemos criar critérios de avaliação para que possamos deixá-lo aberto a qualquer compreensão. No entanto, esse sujeito, que é sempre suposto saber, presente na relação com o contexto imagético, adquiriu uma nova margem: a tela eletrônica.

Peter Sloterdijk tem uma opinião bem formada a respeito do mundo digital das espumas. Para ele, a vida se articula em cenários simultâneos, imbricados uns com outros, produz-se e (se) consome em oficinas interconectadas. Mas o decisivo para nós: ela produz sempre o espaço no que é e que é nela. Assim como Bruno Latour (1994) tem falado de um “parlamento das coisas”, nós, com ajuda da metáfora da espuma, pretendemos nos ocupar de uma república dos espaços (Sloterdijk, 2008).

A ideia básica aqui é que a conjuntura do mundo digital nos trouxe novas maneiras de pensar, tendo por base as mudanças paradigmáticas relativas ao mundo do papel. Não se trata, simplesmente, da ação de uma tecnologia, a digital, mas da retomada de uma forma de pensar com imagens e sonoridades. No entanto, é muito difícil percebermos tais características, pois ao contrário do tanto que se tem falado e escrito sobre o tema, ainda não são muitos os

exemplos de reflexões hipermidiáticas. A hipermídia como comunicação integrada tem se apresentado muito mais pelas suas potencialidades do que por meio de produções¹⁹.

Ao sermos complacente com a ideia de virtualidade da existência de uma hipermídia como comunicação integrada consequente, podemos afirmar que a margem digital nos oferece, literalmente, a imersão no conceito. Podemos experimentar o conceito, assim como tivemos a possibilidade de vivenciar na arte contemporânea. Numa hipermídia, como comunicação integrada construída conceitualmente, ao que tudo indica, são justamente aqueles raros momentos de ruptura com a linearidade na margem que deverão apontar o caminho. A compreensão em sua versão sequencial pode fazer do encontro letra-imagem-margem, a expressão da circularidade. As palavras devem se transformar em Ícaros na frequente busca de um lugar para descer. Capa e contracapa não existem mais como condição necessária de introdução e conclusão.

A imersão na hipermídia pode acolher os desvios da nossa polifonia. O movimento do acesso à informação, assim como a estrutura da semiose, está alhures. Será justamente no desenvolvimento dessa estrutura de acesso que encontraremos, definitivamente, o fim do domínio da metodologia clássica e o momento inaugural do diálogo aberto e sem fim no lugar da “conclusão”²⁰. O esconderijo do emissor (*stricto*) está comprometido, fundamentalmente, porque terá que ceder diante da dispersão; esta, é o principal sintoma de que toda interpretação só se torna possível porque já era compreensão. A circularidade da letra pode ser revelada em sua potencialidade associativa, até atingir sua negação.

A magia da margem digital não somente faz do movimento, sua ludicidade existencial, mas também faz do índice um signo de transição, sem que seja preciso descrevê-lo com significantes. Podemos imergir e os objetos podem emergir como fruto da proximidade entre imagem e conceito. Se na leitura da letra na margem transformamos em som toda palavra lida, no interior da margem digital podemos transformar em leitura o som, em imagem a leitura, em movimento a imagem, em arte a ciência e vice-versa. A trajetória da comunicação não é mais única, mas múltipla e superlativa²¹, assim como o receptor, agora como interlocutor está

¹⁹ É justamente por estarmos no limiar das tecnologias digitais, que devemos sempre falar mais de potencialidades do que de resultados.

²⁰ Todo pensamento que estiver direcionado somente para uma conclusão, deverá se revelado como inconsequente, caso encontre-se no interior de uma estrutura verdadeiramente interativa.

²¹ Estamos muito próximos daquilo que Bakhtin chamou de multilinguismo, referindo-se ao superlativo da

também para o espectador que “tampouco é já a figura de uma existência excepcional de sábio à margem da realidade, mas ele próprio se tornou um expoente daquelas paixões que animam a vida e a ameaçam ao mesmo tempo” (Blumenberg, 1995, p. 46).

Blumenberg se refere à imagem clássica do sábio como alguém que vive à margem das preocupações mundanas, dedicado a uma existência contemplativa e isolada, pois é visto como excepcional justamente por sua capacidade de se afastar das paixões e conflitos da vida cotidiana, dedicando-se inteiramente ao cultivo do conhecimento. Porém, todos estamos inseridos nas mesmas paixões e conflitos. Ninguém mais é uma figura isolada e distante, pois estamos como um todo profundamente envolvidos nas dinâmicas da vida. Agora, urge que o intelectual seja alguém que participe ativamente nas lutas e dilemas da sociedade, pois não é somente afetado por elas, como também contribui para elas. Esta transformação reflete mudanças na percepção da função do intelectual na sociedade. Ao invés de se verem como distantes observadores, os intelectuais modernos deveriam se reconhecer como parte integrante e influente da sociedade, com responsabilidades e envolvimento que vão além da mera contemplação e produção de um conhecimento, que muitas vezes são isolados pelos muros da academia. Na contemporaneidade, marcada cada vez mais por crises políticas, sociais e ambientais, a figura do intelectual comprometido é particularmente relevante. O conhecimento não pode ser mais visto como um fim em si mesmo, mas como uma ferramenta ativa na busca de soluções para problemas, que hoje são tantos.

O digital: a possibilidade de todas as virtualidades

“[...] vamos na direção de um mundo, numérico, por um lado, icônico por outro, que pouco a pouco substituirá nosso mundo alfabetizado” (Melman, 2003, p. 91)

“[...] antes o texto era fundador da nossa cultura. Nossa cultura, e é isso que a distingue de outras – mesmo que elas tenham também seus mitos, seus contos, suas narrativas –, tem esse carácter excepcional: ela nunca funcionou fora dos textos, se posso dizer—[...] Vivemos numa época marcada pela desvalorização textual (Melman, 2003, p. 132).

Se por um lado, a margem do papel cerca, por assim dizer, a letra, o escrito, a escritura, e nela se pode sair do texto e fazer anotações sobre ele (ou qualquer outro registro que pode ter infinitas naturezas), como quem sai de uma piscina e, de algum modo, fica a sua borda; por outro lado, as margens físicas dos aparelhos digitais oferecem funções; contudo não mais os apontamentos – os quais até podem ser escritos dentro das margens do arquivo digital (comentários, por exemplo). Agora (e por enquanto), tais aparatos oferecem espaços para botões de liga e desliga (*on* e *off*), de volume, ou diversos sensores, tal como o de impressão digital ou reconhecimento e identificação facial. Assim, sobre a superfície de um aparelho digital, há um toque e uma respectiva ação, uma resposta do sistema operacional, diferente do papel que pode permitir apenas o registro de uma ideia, o destaque de um conceito, uma glosa, etc, sempre, todavia, de modo estático.

Podemos recuperar a ideia da piscina cujas bordas são artificiais, mas conduzi-la em direção ao mar: o mergulho em uma página de um livro é o próprio ato de mergulhar em um oceano de conhecimento. Um leitor submerge nas profundezas do oceano para explorar um mundo desconhecido ou para realizar alguma recuperação de informações em um território já explorado. Enfim, esse mergulho nas páginas de um livro pode ter o intuito de explorar novas ideias, narrativas e experiências. As páginas de um livro são águas profundas; cada palavra uma criatura marinha, única e fascinante, contribuindo para a riqueza do ecossistema textual e para a experiência do leitor.

A leitura, por assim dizer, é o equipamento de tecnologia para a realização do mergulho, desenvolvido o que permite a exploração e interação com tal mundo submerso das letras, das palavras. A interação e a experiência com o papel, com as páginas e com as margens é de outra natureza, outra ordem, é ativa: o leitor pode encontrar tesouros no fundo do oceano, descobrir ideias preciosas, ter *insights*, apaixonar-se pelos personagens (bovarismo) ou teorias, e se permitir ter conexões emocionais nas páginas de um livro, cercadas, por sua vez, pelas margens.

Talvez a grande diferença em relação ao universo digital, seja esta: a volta à superfície, uma vez que, após a leitura²², a emersão traz experiências, comunhões, diálogos e aprendizados adquiridos durante a imersão nas páginas, ou seja, a leitura ou entrada pelas

²² Nas suas respectivas etapas: decodificar, reter, interpretar e compreender.

margens das páginas é uma jornada de exploração intelectual e emocional, um gesto para além do lúdico e uma imersão na solidão poética. Não que isso não aconteça por meio das telas, das páginas no formato *portable document format* (PDF), nas telas de tinta eletrônica (tela *e-ink*), que proporcionam uma semelhança com a leitura em páginas impressas, no entanto, referimo-nos, aqui, ao toque nas telas e a visualização de imagens por intermédio do *autoplay*.

A leitura já foi reprimida inúmeras vezes e o caso ficcional mais célebre é do personagem Dom Quixote, de Cervantes. O Narrador de *O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha* aponta que o cérebro de Alonso Quijano ficou seco após a leitura em excesso de inúmeros textos de cavalaria. Assim, o foco no conteúdo impresso e circunscrito pelas margens desses livros, levou Quijano à transformação de sua personalidade, de seu mundo de *poesis*, de uma nova organização vital e essencial aos anos que lhe restavam de vida. Assim, fez-se despertar um cavaleiro à margem de tudo: não tinha idade adequada (sem tocar no falso etarismo contemporâneo), nem rigor físico (tão vendido nas redes sociais), nem recursos suficientes (sem tocar na aposentadoria maligna atual), nem uma donzela (sem tocar nas questões de gênero), nem um escudeiro (sem tocar nas questões trabalhistas tão descambadas), nem propósitos explícitos para suas aventuras. Contudo, no desenrolar da narrativa, tudo se resolve por meio de delírios, devaneios, apoio incondicional, imaginação, faz de conta, etc, – o que depende sempre da interpretação de quem o lê. Mas, voltemos ao *touch screen*.

Dado o exposto, cabe a pergunta: o que acontece quando se passa o dedo no sensor de leitura digital e se digita um *pin*, ou seja, um código numérico, ou se desliza a pulpa dos dedos formando um padrão ou apenas se passa um smartphone diante do rosto e se desbloqueia o acesso ao mundo digital? No interior dessas margens ainda físicas está um mundo digital, onde todas as virtualidades são possíveis.

No início desta sessão, citamos Charles Melman (2003), que, no início dos anos 2000, apontava que a sociedade estava indo em direção a dois mundos, a saber; um era o numérico, outro era o icônico (tudo está a um ícone de distância). No entanto, isso aconteceu rápido demais: já se está em um mundo “algoritmizado”²³, pois os algoritmos permeiam as mais diversas atividades humanas. As mídias sociais usam algoritmos em suas plataformas, para personalizar o conteúdo que aparece no *feed* de notícias de um usuário com base em seus

²³ Toma-se o termo de empréstimo de um artigo de Fábio Oliveira Ribeiro (2020)

interesses e comportamentos anteriores; o comércio eletrônico (*e-commerce*) utiliza os algoritmos para recomendar produtos aos clientes com base em seu histórico de compras e preferências; os motores de busca, tais o *Google*, usam algoritmos para classificar e apresentar resultados de pesquisa relevantes com base nas palavras-chave inseridas pelo usuário; aplicativos de direção e navegação usam algoritmos para calcular rotas mais eficientes com base na localização atual e no destino do usuário; a saúde usa algoritmos tanto em diagnósticos médicos quanto em análise de dados de pacientes; etc. Desse modo, a humanidade, de um modo geral, está permeada e conduzida por procedimentos virtuais-digitais.

Um sistema construtor de margens

Das margens dos livros, sabe-se que as pessoas, geralmente, no Brasil da classe trabalhadora e da classe média baixa (e isso não é uma negatividade nem um dado enaltecendo outros estratos sociais), estão se afastando; contudo, o que mais impressiona é que os estudantes os quais deveriam estar em contato com os livros são os que menos conseguem dar atenção a esse objeto de conhecimento. Muitos estudantes²⁴ estão desengajados da prática de leitura. O livro (a leitura) é uma matéria estrangeira²⁵, não um objeto privilegiado da maioria dos estudantes (os quais estão em escolas públicas). Em geral, as páginas dos livros são trocadas pela tela e o conteúdo a ser lido é buscado em resumos, esquemas, mapas mentais ou conceituais, etc., ou feito por meio das novas inteligências artificiais.

Mark Fisher²⁶, em *Realismo capitalista*, já em 2009, apontava que os seus estudantes apresentavam algo que ele designou como “impotência reflexiva”, uma vez que muitos deles

²⁴ Pelo menos, muitos dos quais temos contato.

²⁵ Trata de um termo que tomamos da Ergologia, abordagem interdisciplinar elaborada por Yves Schwartz, filósofo francês e professor emérito da Universidade de Aix Marseille. "A expressão 'matéria estrangeira' refere-se à necessidade dos especialistas e pesquisadores adotarem uma postura de humildade e abertura diante dos conhecimentos e experiências dos trabalhadores. Isso implica reconhecer que o conhecimento dos trabalhadores, adquirido através da prática e da experiência direta, é valioso e pode contribuir significativamente para o entendimento e aprimoramento de determinado campo de estudo ou atividade profissional. Portanto, a 'matéria estrangeira' representa a importância de se aprender com aqueles que estão diretamente envolvidos na prática, reconhecendo a sua expertise e valorizando suas contribuições para o avanço do conhecimento.

²⁶ Mark Fisher (1968 – 2017) foi um escritor, crítico cultural e teórico britânico; conhecido por seus trabalhos que exploram a cultura, a política e a sociedade contemporâneas, particularmente em relação à cultura pop e ao

entreviam que as coisas já iam mal, porém tratava de algo além dessa impressão: os próprios estudantes percebiam que não podiam e não conseguiam fazer nada a respeito. De certa forma, o futuro deles já estava roubado. Logo, essa [...] é uma observação passiva de um estado das coisas já existente, [...] é uma profecia autorrealizável” (Fisher, 2020, p. 43). Para Fisher (2020), em sua percepção, muitos estudantes sofrem de problemas de saúde mental ou problemas de aprendizagem e, ainda, menciona, em um tempo pré-pandêmico, que a depressão, entre os seus estudantes, era “endêmica”.

Essa “patologização”, por assim dizer, em si já constitui um bloqueio para qualquer possibilidade de politização (Fisher, 2020). Além disso, a privatização desses problemas, ou seja, pensá-los e os tratar como originados por desequilíbrios químicos da neurologia do indivíduo ou por seu histórico familiar, descartaria qualquer questionamento sobre sua “causa social sistêmica”. Fisher apontou esse estado dos seus estudantes como “hedonia depressiva”, isto é, a depressão é caracterizada como uma condição constituída não por uma incapacidade de se obter prazer, senão pela incapacidade de fazer qualquer outra coisa senão buscar prazer – as telas e o toque nelas entram em jogo aqui.

Se gerações anteriores não liam por opção e/ou até mesmo por distração, com horário e espaço determinados, restringindo-se à grade de horários de uma emissora de televisão ou de rádio e salas de estar – por exemplo) ou pela passividade diante de videogames, de TVs, etc; as últimas gerações estão sofrendo um ataque de estímulos e de distrações constantes, sem restrições de tempo ou espaço, tudo a centímetros de distância dos olhos, a um ou dois toques nas telas, justamente com a ponta dos dedos, umas das regiões do nosso corpo com mais terminações nervosas, isto é, por meio de um receptor ideal de sensações, o que muito provavelmente as impedirá de romper o tédio geracional e adquirir o hábito da leitura, que não provoca uma excitação automática no sistema nervoso e no organismo como um todo (Türcke, . Embora o conteúdo das páginas de um livro de ficção ou de pura teoria possam provocar uma reação, uma atitude responsiva, diante da absorção da atenção e fazer com que sintamos sensações, não se compara a excitação e sensações instantâneas proporcionadas pela implicação dos órgãos dos sentidos em contato com a tela.

estranhamento da realidade social factual. Atuou como professor no Departamento de Cultura Visual em Goldsmiths – Universidade de Londres.

Assim, dentro desse *modus operandi*, Christopher Türcke (2016, 2010) lista as características do homo sapiens do século XXI: inquieto, neurótico, faminto de estímulos, ainda que momentâneos, viciado por uma inundação de choques emocionais (que não têm tempo de se sedimentar na consciência), além disso, está superexcitado, mas não satisfeito; eis o homo sapiens do século, presa fácil de uma sobrecarga de sensações audiovisuais

Esses aspectos do homo sapiens contemporâneo, como um tudo, expõem uma característica: a constante busca por estímulos emocionais e sensoriais, que muitas vezes resulta em uma sobrecarga, que tem implicações significativas para a prática da leitura e a capacidade de atenção e processamento de informações. Essa hiperestimulação influencia a maneira como lemos e compreendemos textos. A leitura, especialmente a leitura profunda e reflexiva, requer tempo e concentração para que as ideias possam ser processadas e assimiladas plenamente.

No entanto, o ambiente digital moderno, caracterizado por uma constante inundação de estímulos visuais e auditivos, tende a fragmentar a atenção e dificultar a imersão necessária para a leitura e experiência aprofundada. Podemos ilustrar esse fenômeno com o recurso de *autoplay*, o qual está presente em muitas plataformas digitais, nas quais vídeos e outros conteúdos começam a ser reproduzidos automaticamente.

Tal mecanismo contribui para a dispersão da atenção, pois os usuários são constantemente bombardeados com novos estímulos sem que tenham a oportunidade de escolher ou processar conscientemente o que desejam consumir. Essa prática, além de sobrecarregar os sentidos, pode interromper o fluxo de leitura e dificultar a concentração.

Essa situação, sem dúvida, leva a uma forma de leitura mais superficial, na qual os leitores pulam de um texto para outro sem dedicar o tempo necessário para compreender e refletir sobre o conteúdo, o que não apenas diminui a qualidade da compreensão, mas também afeta a capacidade de reter informações a longo prazo. Além disso, a predominância de informações rápidas e fragmentadas, como as encontradas em redes sociais, pode diminuir a paciência e a habilidade dos leitores para lidar com textos mais longos e complexos. E como podemos ficar à margem disso? Onde podemos encontrar atmosferas livres de distrações? Esse, para nós, é um desafio moderno!

Já não se pode negar, vivemos constantemente sendo injetados por fluídos multissensoriais, nos encaminhamos para um destino no sensorial hiper saturado de estímulos dos contemporâneos, já pertencemos, ou melhor já. Somos todos (ou quase) parte da sociedade da sensação (Türcke, 2010). Seguimos um lema: estar sempre ocupados.

O “estar sempre ocupado” se torna decisivo: cada um deve se comportar como um receptor-transmissor. Não transmitir significa não ser/ não se estar/ não existir; não só perceber o ‘*horror vacui*’, isto é, o horror do vazio, do não se ter um emprego, mas ser tomados pelo sentimento de não existir em absoluto (Türcke, 2016). O Vazio. Aí está a difundida coação. Assim, está dada a fórmula coletiva contra o desemprego, que não tolera que alguém fique “em paz no seu canto” nem durante o tempo livre, o qual poderia ser destinado à leitura ou qualquer outro tipo de contemplação.

No decorrer da pré-história humana, ao redor de intromissões traumáticas de estímulos, através da repetição coagida, foi se formando progressivamente uma casca cultural em que a sensação cicatrizou, crescendo e se entrelaçando com um fundo de experiência. Agora, a coerção para repetir, de um aparato midiático continuamente em ação e que opera mediante minúsculos choques, cada um dos quais está amplamente abaixo do limiar da dor, começa a desfazer aquele processo de cicatrização e de entrelaçamento (Türcke, 2016, 2010).

Ainda, por cima, temos o realismo capitalista e suas ilusões que fornecem um nome a um dispositivo que pode deixar seu usuário em um estado de excitação altíssimo, fazendo com que sua atenção seja praticamente esgotada e é justamente chamado de smartphone.

Inconclusibilidade nas margens: reflexões finais sobre a transformação contínua da experiência humana

A análise das margens, tanto nas páginas físicas quanto nas telas digitais, revela a complexidade e a evolução da relação entre espaço, expressão e compreensão cultural. Ao longo da história, as margens têm desempenhado um papel fundamental na delimitação e na expansão do pensamento humano, permitindo a interação entre o texto e o leitor, entre a tradição e a inovação. A transição para o mundo digital trouxe novos desafios e possibilidades, alterando a forma como nos relacionamos com a informação, conhecimento acadêmico e a arte

plural. No entanto, a essência da margem como espaço de reflexão, interpretação e criatividade permanece relevante, destacando a importância de explorar e valorizar os limites e excedentes que as margens proporcionam em nossa jornada intelectual, emocional, psicológica, psíquica, cultural, social, etc.

Destacamos a importância de compreender a presença da margem em seus contextos, identificando seus limites para possíveis transcendências. Nesse sentido, a valorização da diversidade de vozes, perspectivas e formas de expressão presentes nas margens é essencial para uma compreensão mais ampla e inclusiva da cultura e do conhecimento. Portanto, ao explorar e respeitar os limites e excedentes das margens, podemos enriquecer nossas jornadas, promovendo a criatividade, a inovação e a conexão com o outro e com o mundo ao nosso redor.

A trajetória histórica apresentada no texto é significativa, pois demonstra a evolução e a importância das margens, desde os primórdios da escrita até a era digital. A análise da presença das margens em diferentes contextos culturais e tecnológicos ressalta como esses espaços delimitados impactaram no âmbito da educação, na expressão artística e na experiência de leitura. Além disso, a reflexão sobre a marginalização de vozes e perspectivas diversas ao longo da história destaca a necessidade de valorizar a pluralidade e a inclusão nas práticas culturais e intelectuais. Portanto, a trajetória histórica das margens no texto é um trabalho significativo para contextualizar a importância desses espaços na construção do pensamento humano e na formação cultural.

Os limites e encapsulamento do sentido em relação às margens e à poesia foi destacada e porque faz parte do lúdico, do artístico, da fruição e de uma zona praticamente transcendental, pois os versos conduzem o leitor ao seu subjetivo e, muitas vezes, à reflexão para além das coisas concretas. Assim, a relação entre a margem e a poesia como formas de expressão desafiam fronteiras e expandem significados, ressaltando a complexidade e a fluidez da interpretação artística e cultural. Portanto, ao explorar a relação entre as margens e a inconclusibilidade, o texto sugere que a transformação contínua da experiência humana está intrinsecamente ligada à nossa capacidade de transcender limites, questionar certezas e buscar novos significados além das fronteiras estabelecidas.

Referências

- BAIRON, Sérgio. Às margens da compreensão com o digital. **Revista Antares**, volume 7, número 14, jul./dez., 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BARTHES, R. **A câmera clara**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984. p. 23. BERGMAN, Ingmar. **Imagens**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. São Paulo: Pontes, 1995.
- BESANÇON, Alain. **L'image interdite**. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1994.
- BLUMENBERG, Hans. **Naufragio con espectador**. Madrid: Visor, 1995.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- FISHER, Mark. **Fantasmas da minha vida: escritos sobre depressão, assombrologia e futuros perdidos**. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.
- GADAMER, H. G. **Estética y hermenéutica**. Madrid: Tecnos, 1996
- GADAMER, H. G. **Gesammelte Werke**. Mohr, Tubinga, 1993. v. 8, Ästhetik und Poetik I. Kunst als Aussage.
- HANSEN, Mark B. N. **New philosophy for new media**. Cambridge, London, MIT Press, 2004. HOOKER, J. T. **Lendo o passado: do cuneiforme ao alfabeto**. São Paulo, Melhoramentos, 1996.
- LATOURETTE, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LEICKMANN, A.; ZIEGLER, C. **Naissance de l'écriture**. Paris, 1982. Catálogo da exposição. MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo, 1997

MELMAN, Charles. **O homem sem gravidade**: gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

MENSER, M.; ARONOWITZ, S. Sobre los estudios culturales, la ciencia y la tecnología. In:

MENSER, M.; ARONOWITZ, S.; MARTINSONS, B. **Tecnociencia y cibercultura**: la Interrelación entre cultura, tecnología y ciencia. Barcelona: Paidós, 1988. p. 21-46.

OLSON, David. **O Mundo no papel**: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. São Paulo, Ática, 1997.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

RIBEIRO, Darcy. Sobre o óbvio. Ensaio Insólitos. Porto Alegre: L&PM, 1979.

RIBEIRO, Fábio de Oliveira 2020. O trabalho algoritmizado e suas consequências desumanas. **Jornal GGN**, São Paulo, 30 jun. 2020. Seção Artigos. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/artigos/o-trabalho-algoritmizado-e-suas-consequenciasdesumanas/>>. Acesso em: 03 de abr. 2023.

SLOTERDIJK, Peter. Sphären III. Schäume. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 2006. WALKER, C. B. F. O Cuneiforme. In: HOOKER, J. T. **Lendo o passado**: do cuneiforme ao alfabeto. São Paulo: Melhoramentos, 1996. p. 19-94.

TÜRCKE, Christoph. **A sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Editora da Unicamp; 2010.

TÜRCKE, C. **Hiperativos!** Abaixo a cultura do déficit de atenção. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.